

POR UMA HISTÓRIA MAIS DIVERSA: A RIQUEZA DO PATRIMÔNIO CULTURAL NEGRO NO COTIDIANO BRASILEIRO

Eva Lacerda de Oliveira

Graduanda em História pelo PARFOR da
Universidade Federal do Piauí
E-mail: eva_lacerda@hotmail.com

Joselha Moreira da Cruz

Graduanda em História pelo PARFOR da
Universidade Federal do Piauí
E-mail: jmc0506@outlook.com

Maria do Socorro Coutinho Pereira

Graduanda em História pelo PARFOR da
Universidade Federal do Piauí
E-mail: korrinhacoutinho1710@outlook.com

Jóina Freitas Borges

Orientadora, Doutora em História, Professora do
PARFOR da Universidade Federal do Piauí
E-mail: joinaborges@hotmail.com

INTRODUÇÃO

No contexto histórico brasileiro, por muito tempo, desde a chegada dos europeus nas terras americanas, a Coroa portuguesa buscou mão de obra escrava nos trabalhos coloniais. Primeiro, explorando os indígenas, depois os negros trazidos da África. Desde então, os africanos se transformaram em recurso de grande valor para a metrópole, pela exploração através do tráfico e para a colônia, através do trabalho escravo nas fazendas de cana-de-açúcar.

É evidente que os africanos, desde primeiro momento, foram explorados em todos os espaços geográficos em que viviam: senzalas, engenhos, casa-grande, fazendas, etc., assumindo funções de extrema relevância para os grupos dominantes. Apesar da violência e opressão, através do seu cotidiano exerciam suas manifestações de grande riqueza cultural, como a dança, por exemplo, como analisa Petit (2015, p. 74): “Para as negras e negros desterrados brutalmente da África para as Américas, e cujos algozes procuraram por todos os meios destituir de humanidade, a dança foi um elo indispensável à sobrevivência física e espiritual [...]”. Assim, mesmo diante da dominação, os africanos tiveram condições de

expressar sua cultura através da dança (capoeira), música, cantos, reza, religiosidade, assim como da culinária e da medicina das ervas.

As culturas negras, desta forma, se tornaram parte do amálgama que formou a cultura brasileira, a partir dos índios, africanos e europeus, entretanto, tal herança cultural não é valorizada, existindo ainda muitos estereótipos a serem quebrados e preconceitos a serem extintos.

O resultado de séculos de colonização e dominação gerou uma política de exclusão, e devido à imposição cultural eurocêntrica, os negros foram tratados desigualmente, sem garantia de direitos e submetidos a todo tipo de discriminação no contexto das diferentes sociedades.

Diante do exposto, é preciso que as discriminações e preconceitos sejam desconstruídos através de um trabalho pedagógico reflexivo que tenha como objetivo atitudinal a demonstração de respeito e de um tratamento humano no cotidiano das pessoas que sofrem essas agressões verbais, psicológicas e até mesmo físicas. A lei 10.639/03 é uma conquista recente, um desafio para os centros de educação superiores que precisam também incluir, em seus currículos das licenciaturas, os conhecimentos ainda em construção de uma pedagogia inclusiva para os afrodescendentes, uma “Pretagogia”, como propõe Petit (2015).

Paulo Freire também colabora com sua exposição sobre a necessidade de dialogar através da Pedagogia, uma Pedagogia que luta contra os preconceitos, que luta para a humanização dos oprimidos. Dessa forma Freire (1977, p.43) enfatiza: “A Pedagogia do oprimido que, no fundo, é a pedagogia dos homens empenhando-se na luta por sua libertação, tem raízes aí. E tem que ter, nos próprios oprimidos que se saibam ou comecem criticamente a saber-se oprimidos, um dos seus sujeitos”.

Uma riqueza obscurecida

A participação e o agenciamento dos afrodescendentes na construção da História do Brasil, nem sempre vem explícita nos livros didáticos de história. Pois a história contada nas salas de aula, sempre enalteceu os grandes heróis em

detrimento da contribuição das minorias, que sempre eram expostos de forma inferior, rebaixados.

Diante do exposto sabemos que os negros precisam lutar por seu espaço na história. É importante revelarem às sociedades que também são protagonistas, que possuem valores, crenças, cultura e que a mentalidade dominante precisa reconhecer e admitir o prejuízo causado. A partir dessa perspectiva e articulando-se ao pensamento freiriano sobre a educação problematizadora, viu-se a necessidade de que o professor deve ter uma postura ideológica no que se refere a riqueza cultural do povo afro, e que constitui em maior parte a população brasileira.

De acordo com Freire e também com o posicionamento dos educadores da disciplina de História, que acreditam que é através da educação reflexiva, que põe o aluno como sujeito ativo, crítico e dinâmico no processo de aprendizagem é possível fazer com que por meio da educação, esses jovens possam resgatar sua dignidade, sua autoestima e reconstruir suas identidades:

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela [...] (FREIRE, 1987, p. 17).

Assim, os educadores possuem a autonomia de desconstruir, junto aos alunos, o pensamento errôneo e discriminatório sobre o negro na sociedade brasileira. A luta que se quer travar está ligada ao avanço no diálogo com os personagens historicamente excluídos e entendidos de forma marginalizada, na produção de conhecimentos que valorizem o legado cultural afro, reconstruídos pelos sujeitos conscientes.

Trabalhando a herança cultural negra junto aos alunos

O objetivo do trabalho foi fazer com que o educando valorizasse os elementos culturais afro-brasileiras presentes no meio social no qual estão inseridos. A pesquisa realizou o seguinte percurso metodológico: as acadêmicas do curso de História-PARFOR apresentaram o tema sobre a cultura afro-brasileira; em seguida foi aplicado um questionário para resgatar os conhecimentos dos mesmos sobre o tema articulando aos conteúdos curriculares; Posteriormente foi socializado em sala de aula o resultado da pesquisa através de seminários.

Os educandos pesquisaram, socializaram em seminários, e finalmente avaliaram a atividade relatando suas experiências. Em relação à riqueza cultural dos africanos, podem-se destacar alguns aspectos nas falas dos alunos: na música, onde a o reggae foi destaque; na dança, a capoeira; a feijoada tradicional foi o alimento lembrado; quanto à roupa, desconhecem o estilo afro, e acham que todas são significativas. Para eles houve um avanço em relação aos negros e negros na sociedade. Destacaram personalidades nacionais e internacionais: Mandela, Pelé, Taís Araújo, Milton Nascimento, Heraldo Pereira de Carvalho, Tony Black.

Para os alunos a pesquisa representou algo diferente porque era difícil encontrar e falar o lado positivo dos negros, pois só se fala do lado negativo. Isso é um reflexo da cultura eurocêntrica. A aparição do negro nos meios de comunicação sempre é negativa, entendendo que essa postura deveria apontar a cidadania.

No aspecto legal, os negros tiveram assegurados a igualdade de direitos como as outras etnias. Outra lei ainda desconhecida pelos alunos, diz respeito a aplicação da prática docente para ministrar o conhecimento da cultura afro nas escolas brasileiras.

Os alunos entenderam que atualmente nenhuma cultura pode ser sufocada, não pode haver uma cultura superior ou inferior, mas devem ser valorizadas e entendidas no contexto específico de cada uma delas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que na atual conjuntura da sociedade em que estamos inseridos é preciso tornar a nossa prática pedagógica significativa com resultados otimistas, na medida em que possamos dar passos para a mudança de ações no que se refere as diversidades culturais dos povos afros torna-se um processo, mas que partindo de atitudes e apresentando novas metodologias, que instiguem a capacidade criativa dos educandos seguida da conscientização política da sociedade em geral, é que se dará condições de proporcionar possíveis oportunidades a todos, independente das condições sócio-econômicas e políticas.

Os resultados do projeto foram satisfatórios na medida em que se permitiu o diálogo com os alunos, os quais foram provocados, e reagiram expondo suas ideias sobre seu modo de viver, relacionando seus hábitos cotidianos aos hábitos que tem ligação com a cultura africana.

Através da conversa, da pesquisa os estudantes foram percebendo que é preciso ir além do livro didático, das mídias sociais, do pensamento que inferioriza o ser negro no contexto no qual vivemos, para um percurso de reflexão, de questionamento do lado positivo da cultura africana.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro. Paz e Terra: 4 ed, 1977. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo_freire_pedagogia_do_oprimido.pdf. Acesso em 01/05/2016 às 13:25.

PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral Africana na Formação de Professoras e Professores - Contribuições do Legado Africano para a Implementação da Lei Nº 10.639/03**. Fortaleza: EdUECE, 2015.